



**Educação a distância:  
uma rede de humanos e não-humanos na construção do conhecimento<sup>1</sup>**

*Jucicléa Medeiros de Azevedo<sup>2</sup>  
Maria Dalvaci Bento<sup>3</sup>*

**Resumo**

Este artigo tem como objetivo discutir a Educação a Distância (EAD) como uma modalidade de ensino que se estrutura a partir de uma rede de atores – humanos e não-humanos – conectados em defesa da construção do conhecimento. Para tanto, analisamos essa modalidade como uma extensão da sociedade em rede. Dessa forma, estaríamos pensando a educação a partir de um “ponto médio” (Latour, 1994) para conhecer alguns aspectos contidos no processo de ensino-aprendizagem que se descortinaram no mundo dominado por tecnologias da informação e da comunicação. Ainda refletimos sobre as críticas negativas relativas à EAD e compreendemo-las como crenças construídas a partir de um olhar ofuscado que negligencia o seu verdadeiro conteúdo. Procuramos nos posicionar quanto à questão de que não seria somente a EAD o único modelo com problemas, mostrando que o que devemos colocar em pauta não é a modalidade, mas a responsabilidade de cada um, no processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chaves:** Humanos e não-humanos na EAD; ensino-aprendizagem; críticas à EAD

---

<sup>1</sup> Trabalho final apresentado à disciplina Teorias Contemporâneas da Cultura, sob a coordenação da professora Maria da Conceição Almeida Xavier, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN.

<sup>2</sup> Aluna do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e bolsista do CNPq. E-mail: jucicleazevedo@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Membro da ComBase. E-mail: dalbebr@yahoo.com.br



A Educação a Distância (EAD) se constitui numa rede de atores humanos e não-humanos<sup>4</sup> conectados para tecer o conhecimento. Sua história no Brasil está intrinsecamente relacionada à história da educação brasileira, desencadeada a partir da década de 1920 do século passado. No período compreendido entre esta década e os anos 2009 foram desenvolvidas diversas experiências no campo da EAD. Uma delas corresponde à criação, em 1920, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro de "um plano sistemático de utilização educacional da radiodifusão como forma de ampliar o acesso à educação" (SARAIVA, 1996, p. 19).

As décadas posteriores são agraciadas com modificações no sistema de ensino brasileiro, repercutindo, tanto na modalidade convencional, quanto na modalidade à distância, só que, nesta última, com uma menor expressividade. No início da década de noventa, a educação brasileira começa a vivenciar um processo de reformas, oriundas de compromissos que o Brasil assumiu, ao participar da Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jomtien, na Tailândia. Nesta Conferência, o Brasil e mais 154 países, subscreveram a declaração aprovada naquele momento, de assegurar uma *educação básica de qualidade* a crianças, jovens e adultos. Assim, uma das principais propostas desta reforma educacional foi a formação de professores, a qual deveria ser ofertada, em serviço e, preferencialmente, na modalidade a distância – essa era uma exigência do Banco Mundial. Foi nesse contexto, que a EAD começou a ter mais notoriedade.

Sabemos que os discursos produzidos com relação a esta modalidade de ensino não são os mais promissores, uma vez que durante a sua evolução, alguns obstáculos dificultaram sua aceitação pela sociedade, o que fez criar uma cortina de preconceitos. Mas, hoje, num mundo dominado pelas tecnologias tanto de informação quanto de comunicação, não podemos continuar com essas idéias cristalizadas. Precisamos adentrar na história da EAD no Brasil para poder contextualizar a sua situação atual. Este foi o exercício utilizado por Vergani (2009), ao ser convidada para coordenar um projeto de formação para professores que dão aulas a crianças ciganas. Para esta autora,

---

<sup>4</sup> Latour remete-se aos não-humanos como sendo aqueles objetos criados pelos humanos para desenvolver determinadas ações. Às vezes, ele refere-se aos não-humanos como quase-sujeitos, que para ele “torna-se o terreno de todos os estudos empíricos realizados sobre a rede” (LATOURE, 1994, p.95).



“unir para discernir” corresponde a outra forma de vencer antigas crenças. Assim, o que devemos fazer é compreender que estas duas modalidades – presencial e a distância – podem caminhar juntas, uma vez que são formas de obtenção do conhecimento. No entanto, é preciso discernir o papel de cada uma, no momento atual, para construir uma educação de qualidade para a sociedade da informação e da comunicação.

A explosão tecnológica que temos presenciado nas últimas décadas tem mudado a maneira de viver em sociedade. De acordo com Latour (1994), as transformações revolucionárias da ciência e da técnica, provocaram a multiplicação de artigos híbridos que delineiam tramas de formação social, política, econômica e cultural das sociedades. As novas possibilidades de comunicação proveniente desta explosão instigaram a circulação de informações em rede. Isso causou uma verdadeira revolução na maneira de pensar e de agir dos seus “usuários”. Para Latour (1994):

Em rede, o mundo moderno, assim como as revoluções, permite apenas prolongamentos de práticas, acelerações na circulação dos conhecimentos, uma extensão das sociedades, um crescimento do número de actantes, numerosos arranjos de antigas crenças. (LATOUR, 1994, p.52)

Nesse mundo “dominado” pelos “quase-objetos”, por que não pensar a educação a partir de um híbrido das modalidades, presencial e a distância? Como todos os setores da sociedade, a educação, também, foi afetada pelos processos provenientes da inovação científica e técnica do mundo atual. Neste ínterim, estaríamos pensando a educação, a partir de um “ponto médio” (Latour, 1994) para conhecer a relação existente entre as propriedades humanas e não-humanas contidas no processo de ensino-aprendizagem que se descortinaram no mundo dominado pelo sistema informacional de comunicação.

A EAD talvez represente a forma de ensino que mais se aproxime com a atual maneira de viver da sociedade da informação e da comunicação. Suas fragilidades, apontadas por muitos profissionais do modelo presencial, também se apresentam nesta modalidade. Isso significa que os mesmos tipos de causas perpassam na explicação de debilidade de ambas. As verdades construídas para explicar o insucesso do aprendizado à distância são crenças construídas a partir de um olhar ofuscado por crenças



valorizadas como verdades pré-estabelecidas. Esta situação nos faz levantar o seguinte questionamento: seria a EAD o único modelo com problemas?

Sendo uma extensão da sociedade em rede, a EAD representa um componente necessário ao fortalecimento da educação. Nessa modalidade, há uma verdadeira interação entre humanos e não-humanos, uma vez que os sujeitos envolvidos neste processo (professores, alunos, tutores, monitores) estão conectados em uma rede que viabiliza o processo de ensino e aprendizagem. Esta rede de conhecimento só é viabilizada por meio de alguns objetos técnicos (computadores, câmeras, internet, impressora, celulares, entre outros), que ajudam os humanos a interagirem entre si, conseqüentemente, entre os não-humanos.

Os humanos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem à distância dispõem de alguns recursos didáticos (não-humanos) que ajudam no fortalecimento do conhecimento, que são: MSN, *chat*, *fóruns* de discussão, videoconferência, *webconferência*, aulas gravadas em DVD, material impresso (módulos com o conteúdo das aulas), entre outros. As possibilidades oferecidas por essas tecnologias dão a EAD, na atualidade, características diferentes da modalidade presencial, principalmente por causa do surgimento dos ambientes virtuais de aprendizagem colaborativa. Os recursos utilizados favorecem para que a educação acompanhe a dinâmica da sociedade, o que só acontece, em parte, com o outro modelo.

Houve uma vez um homem que, depois de viver quase cem anos em estado de hibernação, voltou um dia a si e ficou perturbado pelo assombro de tantas coisas insólitas que via e não podia compreender: os carros, os aviões, o telefone, a televisão, os supermercados, os computadores...Caminhava atordoado e assustado pelas ruas, sem encontrar alguma com sua vida, sentindo-se como um ramo desgalhado do tronco da vida, viu um cartaz que dizia: ESCOLA. Entrou e ali, por fim, pôde reencontrar-se com o seu tempo. Praticamente tudo continuava igual: os mesmos conteúdos, a mesma pedagogia, a mesma organização da sala, com a escrivaninha do professor, a lousa e as carteiras enfileiradas para impedir a comunicação entre os alunos e fomentar a aprendizagem centrada na individualização e no individualismo. (ANTÔNIO PEREZ ESCALAREM Apud CARVALHO, 2009).



Qual seria a reação deste homem que, no lugar de se deparar com esta escola, encontrasse um Pólo<sup>5</sup> da EAD? Este senhor defrontaria com duas situações inusitadas. Na primeira, ficaria perturbado sem entender nada por causa da enorme transformação ocorrida na sociedade, conseqüentemente, na educação. Só depois de horas conversando com os alunos, compreenderia o que estava acontecendo. Perceberia que as mudanças na educação foram necessárias para poder acompanhar o ritmo da sociedade: assim, os conteúdos e a pedagogia foram renovados; a sala de aula é virtual; os alunos precisam ficar conectados em rede e não mais em filas; apesar do aprendizado depender do esforço de cada um, acontece a partir da socialização do saber.

A segunda situação condiz com os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, pois o diálogo entre esse senhor e esses sujeitos o faria perceber docentes dedicados, cultivando um aprendizado que instigue nos discentes uma maior autonomia de pensamento, promovendo a criatividade e libertando-os da massificação do pensamento.

Concordamos com Almeida quando diz que “O momento é propício para buscar novos caminhos que ajudem a repensar a educação em seu sentido mais amplo e recomendar ações mais direcionadas à transformação do sistema educacional em um processo mais aberto e flexível...” (apud MORAES, pág. 7, 1997). Nesse sentido, a EAD vem sendo fortemente disseminada. A necessidade de atender a uma grande demanda e a flexibilidade de acesso têm contribuído para a sua ampla expansão. Os problemas para a sua efetivação são de natureza diversa, porém nenhum caminho longo é trilhado, sem que não haja, em seu percurso, alguma curva, algum tropeço, alguma dificuldade. Eles existem. O desafio é tentar superá-los.

Devemos, assim, como fez Vergani, desconstruir alguns pré-conceitos criados com relação à Educação a Distância. Neste sentido, o que se deve colocar em questão, não é a modalidade de ensino e, sim, a responsabilidade de cada sujeito envolvido. Na

---

<sup>5</sup> O Pólo de EaD funciona como uma extensão da Universidade. Quando um aluno se matricula em um curso, automaticamente vincula-se a um pólo. Neste local, terá acesso às tecnologias utilizadas no curso; participará de encontros presenciais e prestará a prova presencial. O Pólo refere-se a uma estrutura constituída de sala de aula, laboratórios, secretaria, sala de tutoria e biblioteca.



modalidade presencial, também, contém suas fragilidades, pelo fato de não existir, em alguns profissionais, compromisso ético com o aprendizado de seus alunos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. B. **Educação a Distância no Brasil:** diretrizes, políticas, fundamentos e prática. Disponível em: <http://cecemca.rc.unesp.br/cecemca/EaD>. Acesso: 06 de ago, 2009, às 10:32.
- CARVALHO, Edgar de Assis. **A natureza recuperada.** In: ALMEIDA, M. da Conceição. *Cultura e Pensamento Complexo*. Natal: EDUFRN, 2009.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos:** ensaios de antropologia. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Coleção Trans, 1994.
- SARAIVA, Terezinha. **Educação a Distância no Brasil: lições da história.** Revista Em Aberto, Brasília, ano 16, n.70, p. 17-27, abr./jun. 1996.
- VERGANI, Teresa. **A criatividade como destino:** transdisciplinaridade, cultura e educação. In: Carlos Aldemir Farias, Iran Abreu Mendes, Maria da Conceição de Almeida (Org.). São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009.